

As características anti-imperiais da mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21

The anti-imperial characteristics of Paul's message in Philippians 3,20-21

Fernando Pavão¹

Flávio Schmitt²

RESUMO

O artigo avalia as características anti-imperiais da mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21. Procura-se demonstrar como o contexto sócio-político da cidade de Filipos influenciou o apóstolo a intencionalmente reagir à ideologia imperial romana. Para tanto, foi realizada uma análise dos principais termos utilizados em Filipenses 3,20-21 em relação aos seus paralelos disponíveis na época, tanto romanos quanto judaicos. Para a coleta de dados foi utilizado o método bibliográfico por meio de literatura especializada. O resultado foi a identificação de três características que poderão ser utilizadas em trabalhos futuros como referencial de comparação com outros escritos paulinos igualmente entendidos como anti-imperiais pela pesquisa contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Anti-imperial; Filipenses; Império Romano.

ABSTRACT

This paper evaluates the anti-imperial characteristics of Paul's message in Philippians 3,20-21. It seeks to demonstrate how the socio-political

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana (FTSA) e pós-graduado em Bíblia (Especialização) pela Escola Superior de Teologia – Faculdades EST.

² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS.

context of Philippi city have influenced the apostle to intentionally react against the Roman imperial ideology. To this purpose, an analysis of the main terms used in Philippians 3,20-21 was made in relation to their parallels available at that time, both Romans and Jewish. For data collection, the bibliographical research method through specialized literature was used. The result was the identification of three characteristics that can be used in future works as a reference for comparison with other Pauline writings equally understood as anti-imperial by contemporary research.

KEYWORDS

Anti-imperial; Philippians; Roman Empire.

Introdução

O presente artigo aborda possíveis paralelos entre a mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21 e a ideologia imperial romana. A leitura de Paulo no contexto do imperialismo romano tem impulsionado o desenvolvimento de diversos estudos que buscam resgatar as implicações políticas das cartas do apóstolo. Nesta direção, o problema central considerado para a pesquisa foi: Quais características da mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21 podem indicar oposição ao império romano?

De modo mais específico, as características avaliadas foram: a intencionalidade da mensagem, a continuidade (ou não) com a crítica judaica aos governos estrangeiros e a explicitude dos paralelos com a ideologia imperial romana.

Quanto à intencionalidade, a hipótese inicial de trabalho foi de que se trata de uma mensagem intencionalmente anti-imperial, pois Paulo não se limitou a utilizar elementos em comum com a ideologia romana, mas deu novo sentido aos termos que utilizou. Quanto à continuidade com a crítica judaica aos governos estrangeiros, a hipótese foi que Paulo não inovou ao se opor ao império, mas escreveu dentro de uma tradição já estabelecida pelos profetas e escritores judeus. Quanto à explicitude, a hipótese inicial considerou que Paulo foi explícito e não velado em sua oposição a Roma, uma vez que a linguagem utilizada poderia ser facilmente compreendida como anti-imperial pelos primeiros leitores e ouvintes.

Ao verificar tais hipóteses, o presente estudo teve por objetivo identificar e documentar as características anti-imperiais da mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21. Estas características poderão ser utilizadas em trabalhos futuros como base para comparação com outros textos do apóstolo igualmente compreendidos como potencialmente anti-imperiais pela pesquisa contemporânea.

Este objetivo se justifica uma vez que as cartas de Paulo foram escritas em uma época na qual religião e política não se separavam. Conforme defende N.T. Wright, “[...] devemos reconhecer que a separação moderna ocidental de teologia e sociedade, religião e política não tem nenhum sentido para Paulo nem para seus contemporâneos, judeus, gregos ou romanos”.³ Deste modo, o estudo das possíveis influências do contexto imperial romano sobre a mensagem de Paulo pode iluminar novas perspectivas para a leitura de suas epístolas.

Cabe também ressaltar que apesar do interesse recente pelo tema, muitos aspectos da relação entre os escritos do apóstolo e a ideologia romana ainda precisam ser aprofundados. De acordo com Richard A. Horsley, “[...] estamos apenas na etapa de tentar formular questões e métodos de pesquisa apropriados”.⁴ Logo, problematizar a relação entre Paulo e o império romano é algo ainda necessário para se avaliar as possíveis implicações existentes.

Quanto à metodologia adotada, a partir da taxonomia proposta por Sylvia Vergara⁵, o presente estudo pode ser classificado como uma pesquisa descritiva em relação aos fins e bibliográfica em relação aos meios. O artigo se desdobrará nas seguintes seções: Apresentação de um breve histórico e estado atual da pesquisa de Paulo em relação ao império romano; Apresentação da mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21, com base em seu contexto histórico e político e Análise das características anti-imperiais da mensagem de Filipenses 3,20-21 com base nas hipóteses de trabalho consideradas.

³ WRIGHT, N. T. *Paulo: novas perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 84.

⁴ HORSLEY, Richard A. (Org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 11.

⁵ VERGARA, Sylvia Constant. *Sugestão de estruturação de um projeto de pesquisa*. Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública, Cadernos de Pesquisa, n. 02, 1991. p.16-19. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13030/000056762.pdf>>. Acesso em: 26 Out. 2018.

1. A leitura de Paulo no contexto do Imperialismo Romano

A reflexão acerca da mensagem de Paulo no contexto do imperialismo romano é relativamente recente na história da pesquisa neotestamentária. De acordo com Richard Horsley:

Baseados em seus alicerces novecentistas, os estudos do Novo Testamento, especialmente o de Paulo, concentraram-se na emergência do cristianismo, como religião universal e puramente espiritual, a partir da religião paroquial e abertamente política do judaísmo. A política imperial era vista como estruturante do contexto histórico ou “pano de fundo” do período da origem cristã, na perseguição ao judaísmo por Antíoco Epífanes e na destruição romana do Templo em Jerusalém. Mas Jesus e especialmente Paulo estavam por definição voltados para questões religiosas, e não para a política. Havia no máximo apenas certas “implicações” sociais ou políticas de seus ministérios.⁶

Conforme atestou Adam Winn, em seu artigo a respeito das respostas ao império romano no Novo Testamento, o foco da pesquisa bíblica até meados do século XX em questões predominantemente religiosas pode ser explicado por dois fatores principais: a separação entre a religião e o Estado no mundo ocidental e a origem privilegiada de grande parte das pessoas estudiosas do tema.⁷

Sobre o impacto da separação entre a religião e o Estado para a pesquisa bíblica, Horsley acrescenta que:

Em decorrência das revoluções burguesas do final do século XVIII, a Igreja e o Estado não só se separaram, como concordaram em não interferir nas respectivas jurisdições um do outro. Em consequência, os estudos teológicos e bíblicos cristãos, voltados primordialmente para questões religiosas, tenderam a perder de vista as dimensões política e econômica da vida com que a Bíblia tem relação.⁸

⁶ HORSLEY, 2004, p. 10.

⁷ WINN, Adam. Striking Back at the Empire: Empire theory and responses to Empire in the New Testament. In: WINN, Adam. (Ed.). *An Introduction to Empire in the New Testament*. Resources for Biblical Study 84. Atlanta: SBL Press, 2016. p. 02.

⁸ HORSLEY, 2004, p. 9.

Já a origem privilegiada, segundo Winn, impede que a maioria das pessoas estudiosas se atente para o fato de que o Novo Testamento foi escrito por pessoas dominadas e para pessoas dominadas pelo imperialismo romano. De acordo com Adam Winn, o privilégio das pessoas que pesquisam o tema pode ser uma barreira para a leitura do Novo Testamento sob a ótica das pessoas pobres e oprimidas.⁹

Nas últimas duas décadas, porém, cada vez mais atenção tem sido dada ao contexto imperial dos escritos neotestamentários. N.T. Wright, referindo-se ao apóstolo Paulo, aponta que “O posicionamento por ele assumido em face do Império Romano com a ideologia e o culto ao imperador em vias de expansão é um tema sujeito a muita discussão nos dias de hoje [...]”.¹⁰ Nesta mesma direção, Peter Oakes destaca que “Nos últimos anos, um número considerável de eruditos tem afirmado a existência de ligações entre textos em 1ª Tessalonicenses ou Filipenses e o Império Romano, o imperador romano ou o culto imperial romano”.¹¹

Este fenômeno se deve principalmente a influência da crítica literária pós-colonial nos estudos bíblicos. Segundo Adam Winn:

A crítica pós-colonial desempenhou um papel significativo neste processo, reconhecendo preconceitos dos privilegiados e poderosos, as maneiras que este preconceito oprime os colonizados, e as maneiras pelas quais os colonizados respondem à sua subjugação. A aplicação da crítica pós-colonial ao Novo Testamento levou ao reconhecimento de que os principais atores do Novo Testamento (autores, audiências, personagens, etc.) eram distintamente diferentes dos intérpretes ocidentais privilegiados que dominaram o campo dos estudos do Novo Testamento.¹²

Da crítica literária pós-colonial, os trabalhos de James C. Scott se destacam pela influência exercida na pesquisa bíblica contemporânea.

⁹ WINN, 2016, p. 2.

¹⁰ WRIGHT, 2009, p. 21.

¹¹ OAKES, Peter. Re-mapping the Universe: Paul and the Emperor in 1 Thessalonians and Philippians. *Journal for the Study of the New Testament*, v. 27, n. 3, p. 301-322, mar. 2005. p. 301 (tradução nossa). Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0142064X05052508>>. Acesso em: 13 Out. 2018.

¹² WINN, 2016, p. 3 (tradução nossa).

Como antropólogo, cientista político e professor da Universidade de Yale, Scott se dedicou ao estudo das estratégias de resistência desenvolvidas por povos oprimidos em resposta as variadas formas de dominação. De particular importância para leitura do Novo Testamento no contexto do imperialismo romano são os conceitos de transcrito público e transcrito escondido, desenvolvidos pelo autor. Para Karl Monsma:

Scott usa o conceito de “transcrito público” para descrever as interações em situações de poder. A palavra “transcrito”, no sentido pouco ortodoxo que ele a usa, significa basicamente as palavras, os gestos e as outras ações que se pode observar e, por isso, incluir em um relato. Para Scott, o transcrito público inclui a interação cotidiana entre poderosos e dominados, e também rituais e representações oficiais como desfiles, julgamentos, coroações, discursos oficiais, etc. Correspondendo com o transcrito público, e em diálogo constante com ele, estão os “transcritos escondidos” dos dominantes e dos subalternos, o que eles exprimem a respeito do outro lado e das relações de dominação na interação entre pares sem a presença dos outros.¹³

A aplicação destes conceitos nos estudos de Paulo alavancou o desenvolvimento de diversas pesquisas que identificaram elementos que podem ser considerados *transcritos escondidos* em resposta ao imperialismo romano nas correspondências do apóstolo.

Dentre elas, pode-se destacar a coletânea de ensaios *Paul and Empire: Religion and Power in Roman Imperial Society*, organizada por Richard Horsley em 1997.¹⁴ Nela, são apresentados estudos que demonstram a importância do culto ao imperador romano nas cidades da Grécia e da Ásia Menor como recurso de manutenção da coesão entre as cidades e províncias e a influência das relações patronais na sociedade da época. Partindo deste contexto, o autor defende que as cartas de Paulo dialogam

¹³ MONSMA, Karl. James C. Scott e a resistência cotidiana: uma avaliação crítica. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 23., 1999, Caxambu, MG. *Anais do...* Caxambu: ANPOCS, 1999. v. 23. p. 6. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/gt-21/gt14-13/4977-karlmonsma-james/file>>. Acesso em: 20 Dez. 2018.

¹⁴ Publicada no Brasil em 2004: HORSLEY, Richard A. (Org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

de modo crítico com a ideologia político-religiosa romana e reúne ensaios de diversas pessoas estudiosas que apontam para esta direção.

O estudo das implicações políticas das cartas de Paulo ganhou ainda mais volume nas primeiras décadas do século XXI, atraindo a atenção de diversas pessoas estudiosas do Novo Testamento. N.T. Wright, por exemplo, dedicou um longo capítulo de seu livro *Paulo: novas perspectivas* para o tema. Esta obra traz uma contribuição significativa para o debate, pois apresenta uma visão geral da crítica judaica aos impérios pagãos e relaciona o tema com uma possível teologia anti-imperial de Paulo.

O crescente interesse da pesquisa bíblica nas relações entre Paulo e o império também tem impulsionado o estudo de critérios para identificação de discursos anti-imperiais no Novo Testamento. Peter Oakes, por exemplo, em um influente artigo publicado em 2005, propõe quatro opções para avaliação de paralelos entre os termos paulinos e os termos imperiais romanos. Segundo Oakes:

Quatro opções para os aparentes paralelos entre a terminologia cristã e a terminologia romana são consideradas: (1) Uso independente de fontes comuns. (2) Imitação cristã de elementos do discurso ou da prática romana. (3) Escritos cristãos em reação ao conflito proveniente de Roma e (4) Escritos cristãos que conflitam com o discurso ou com a prática romana.¹⁵

Os estudos de Richard Horsley, N.T. Wright e Peter Oakes, além de diversas outras publicações recentes relacionadas ao tema, demonstram que a pesquisa das relações entre Paulo e o Império está em constante evolução metodológica, abrindo caminho para novas leituras das cartas do apóstolo.

2. Filipenses 3,20-21 e o Império

A escolha de Filipenses 3,20-21 para o estudo das características anti-imperiais da mensagem de Paulo se baseia na proposição de N.T.

¹⁵ OAKES, 2005, p. 301 (tradução nossa).

Wright, que defende que “Os versículos finais de Filipenses 3 (20-21) são um dos pontos mais óbvios para podermos começar”.¹⁶ Nesta seção, portanto, será apresentada uma visão geral do contexto romano da cidade de Filipos e dos paralelos entre o discurso de Paulo em Filipenses 3,20-21 e o discurso imperial romano.

2.1 O contexto imperial de Filipos

Filipos, segundo Raymod Brown, “[...] era uma importante cidade romana, onde, um século antes (42 a.C.), Marco Antônio e Otaviano (Augusto) tinham derrotado Brutus e Cassius, os assassinos de Júlio César, e instalado os veteranos dos exércitos vencedores”.¹⁷ Ainda segundo Brown, o próprio texto de Atos dos Apóstolos descreve o local como um assentamento de tropas romanas aposentadas, ao utilizar o termo *κολωνία* em Atos 16,12.¹⁸

A cidade de Filipos, conforme destaca Coelho, chegou até mesmo a ser considerada uma das capitais do império, sendo agraciada com o mais alto privilégio da municipalidade provincial, o direito italiano.¹⁹ De acordo com o Coelho, “Sua elite tinha como principal privilégio submeter-se à lei romana, ou seja, detinha os mesmos direitos que os romanos, jurídica, econômica, política e socialmente falando”.²⁰ Não é de se admirar, portanto, que o culto ao imperador e a sua família ocupasse lugar de destaque em meio à pluralidade religiosa da cidade de Filipos no primeiro século, conforme apontam as principais fontes arqueológicas, epigráficas e numismática da época.²¹ O culto ao imperador, segundo

¹⁶ WRIGHT, 2009, p. 96.

¹⁷ BROWN, Raymond Edward. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 642.

¹⁸ BROWN, 2012, p. 642.

¹⁹ COELHO, Alexandre de Siqueira Campos. *Cidadania do céu em Filipenses 3,20: o sentido do seu significado*. Goiânia, GO, 2013. 158p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. p. 16-17. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_GO_b663a63b-74740d2210198f5c5b138bc2>. Acesso em: 13 Out. 2018.

²⁰ COELHO, 2013, p. 17.

²¹ Ver por exemplo HARRISON, James R. Paul and Empire 2: Negotiating the Seduction of Imperial “Peace and Security” in Galatians, Thessalonians, and Philippians.

N.T. Wright, “[...] era a religião que registrava o mais rápido crescimento no mundo de Paulo, o mundo do Mediterrâneo oriental”.²² Wright acrescenta que:

Para a maior parte do mundo romano, a “divindade” do imperador era óbvia e inquestionável, porque ele, com suas tropas, tinha, afinal, conquistado todo o mundo conhecido e por isso possuía um poder evidentemente superior ao poder de qualquer outro mortal.²³

Deve-se salientar que a cultura greco-romana da época de Paulo não separava a religião da política segundo os moldes ocidentais contemporâneos. Para Price “A significação do culto ao imperador depende de sua relação não somente com um sistema religioso autônomo, mas também com o sistema político”.²⁴ Deste modo, o culto ao imperador, tanto legitimava o regime do ponto de vista religioso, quanto era utilizado pelo império como instrumento político para manutenção do domínio sobre as áreas conquistadas, podendo ser caracterizado como parte importante do *transcrito público*. Os próprios povos dominados, em especial as elites, buscavam também através deste meio obter benefícios de Roma, configurando tal prática como um fenômeno predominantemente político.

Em suma, não seria incorreto propor que, do ponto de vista social, o culto ao imperador e a família imperial representava uma prática vantajosa para grande maioria dos envolvidos. Assim, os dominadores romanos podiam manter a governabilidade com menores esforços militares. As elites locais, por sua vez, podiam barganhar privilégios de Roma, e para este propósito chegavam até a competir entre si nas honrarias oferecidas à família imperial. Já a grande maioria da população, que vivia em condições de pobreza ou extrema pobreza, igualmente se beneficiava das distribuições de alimentos que acompanhavam as práticas cultuais e do entretenimento oferecido.

In: WINN, Adam. (Ed.). *An Introduction to Empire in the New Testament*. Resources for Biblical Study 84. Atlanta: SBL Press, 2016. p. 176-178.

²² WRIGHT, 2009, p. 89.

²³ WRIGHT, 2009, p. 90.

²⁴ PRICE, S. R. F. Rituais e poder. In: HORSLEY, Richard A. (Org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 71.

No concernente à cidade de Filipos, como atestou Oakes em seu artigo sobre os paralelos entre Paulo e o império, a prática do culto imperial pode ser claramente demonstrada graças a um templo para família imperial encontrado nas escavações do fórum e a um monumento relacionado ao culto à Livia, deificada pelo imperador Cláudio nos dias de Paulo.²⁵ Oakes complementa que nesta época “[...] qualquer movimento que desafiasse o status quo da estrutura social, estaria, até certo ponto, desafiando Roma”.²⁶

É para este contexto político-religioso que Paulo escreve sua carta aos Filipenses, e ao tratar da esperança cristã pelo prêmio escatológico nos últimos versículos do capítulo três²⁷, se utiliza de termos alusivos ao culto imperial e aos privilégios das elites locais, conforme será demonstrado na próxima seção.

2.2 *Filipenses 3,20-21 e os paralelos com o discurso imperial*

O quadro abaixo apresenta o texto de Filipenses 3,20-21 conforme o Novo Testamento Grego²⁸ e uma tradução literal proposta pelo autor:

Quadro 1 – Tradução literal de Filipenses 3,20-21

Novo Testamento Grego	Tradução Literal ²⁹
20. ἡμῶν γὰρ τὸ πολίτευμα ἐν οὐρανοῖς ὑπάρχει, ἐξ οὗ καὶ σωτῆρα ἀπεκδεχόμεθα κύριον Ἰησοῦν Χριστόν,	20. Mas a nossa cidadania em (os) céus está, de onde também um salvador aguardamos (o) Senhor Jesus Cristo,
21. ὃς μετασχηματίζει τὸ σῶμα τῆς ταπεινώσεως ἡμῶν σύμμορφον τῷ σώματι τῆς δόξης αὐτοῦ κατὰ τὴν ἐνέργειαν τοῦ δύνασθαι αὐτὸν καὶ ὑποτάξαι αὐτῷ τὰ πάντα.	21. o qual transformará o corpo de estado humilde nosso similar em forma ao corpo de glória dele, segundo o poder que capacita ele também (a) sujeitar a si mesmo todas (as coisas).

²⁵ OAKES, 2005, p. 307-308.

²⁶ OAKES, 2005, p. 309 (tradução nossa).

²⁷ Cf. FEE, Gordon D. *Comentário de la Epístola a los Filipenses*. Barcelona: Editorial Clie, 2004. p. 473.

²⁸ BIBLIA. Novo Testamento. Grego. Aland. 2008. *O Novo Testamento Grego com introdução em português e dicionário grego-português*. 4. ed. revisada. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, São Paulo, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 574-575.

²⁹ Tradução a partir do Novo Testamento Grego, 2008, p. 574-575.

Já no início do século passado, Gustav Adolf Deissmann observou que os primeiros escritos cristãos se utilizavam de termos paralelos aos utilizados na ideologia imperial romana. Segundo Deissmann:

O culto de Cristo espalha-se pelo mundo mediterrâneo e logo reserva para Cristo palavras que já estavam em uso no culto deste mundo, atribuídas aos imperadores deificados (ou talvez tivessem sido inventadas para este culto). Surge então polêmico paralelismo entre o culto do imperador e o de Cristo, sentido onde as antigas palavras derivadas pelo cristianismo do tesouro da Septuaginta e dos evangelhos coincidiam com os solenes conceitos do culto imperial, iguais ou semelhantes. Em muitos casos esse polêmico paralelismo, profetizando claramente os séculos de martírio, pode ser afirmado por testemunhos muito antigos.³⁰

Alguns destes polêmicos paralelos mencionados por Deissmann podem ser observados em Filipenses 3,20-21. No versículo 20, Paulo se utiliza do termo πολίτευμα, normalmente traduzido por cidadania, para afirmar, conforme destaca N.T. Wright, “a cidadania do céu, em oposição às pretensões e corrupções da terra (VV. 17-19)”.³¹ Esta oposição se justifica ao recordarmos os privilégios que a elite de Filipos desfrutava, devido à cidadania romana. Ao afirmar que a nossa cidadania está nos céus, o apóstolo, então, faz alusão a uma condição dos cidadãos romanos para afirmar a superioridade da cidadania dos céus.

Ainda no versículo 20, os termos σωτήρ (salvador) e κύριος (senhor) também podem ser entendidos como paralelos ao império, ou até mesmo como parte de um *transcrito escondido*, em resposta ao imperialismo romano, uma vez que eram títulos comumente utilizados para se referir ao imperador.

Em uma importante inscrição encontrada em Priene, que propõem uma mudança no calendário da época para marcar o dia do nascimento de Augusto como dia do Ano-Novo, observa-se, dentre outros termos em comum com os escritos cristãos, o uso do termo σωτήρ (salvador)

³⁰ DEISSMANN apud CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 21.

³¹ WRIGHT, 2009, p. 97.

em referência ao imperador. Crossan e Reed apresentam partes da reconstrução do texto segundo a tradução de Braund, na qual se encontra o segmento abaixo:

Posto que a providência que divinamente determinou a nossa existência dedicou sua energia e zelo para trazer à vida o mais perfeito bem em Augusto, a quem plenificou com virtudes para o benefício da humanidade, estabelecendo-o sobre nós e nossos descendentes como salvador [...].³²

Sobre o uso de κύριος (Senhor) para se referir a Jesus, Luiz José Dietrich argumenta que:

Um dos pontos principais do conflito é a proclamação de que Jesus é o Senhor, Kýrios. Em 1Ts Paulo usa 22 vezes esse título para Jesus. Para o Império Romano, o Kýrios é o imperador. E o que o define como Kýrios é o seu poder, sua riqueza. Ele é o homem mais poderoso e rico do Império, e está no ápice. É o patrono maior de uma grande pirâmide, em que todos os que estão abaixo dele são seus clientes e lhe devem obediência, submissão e favores políticos, pagamentos de taxas e impostos, e reconhecimento social.³³

No versículo 21, Paulo novamente atribui a Jesus um poder que era tido como próprio do imperador romano, o de sujeitar a si todas as coisas. N.T. Wright, ao destacar a linguagem anti-imperial de Paulo nos versículos 20 e 21 de Filipenses 3 afirma que:

Filipos era uma colônia já com um século de existência e, embora muitas das famílias originárias daquele lugar ainda pudessem ressentir-se da intrusão romana, os benefícios advindos para toda a comunidade por causa dos laços íntimos com Roma e seu poder seriam sempre bem conhecidos. Em particular, os filipenses sabiam

³² CROSSAN; REED, 2007, p. 222.

³³ DIETRICH, Luiz José. Paulo em 1 Tessalonicenses: um cristianismo antiritualista e anti-imperial. In: FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. (Orgs.). *Paulo: contextos e leituras*. São Paulo: Editora Paulinas, 2018. p. 153-168. p. 159.

que, se um dia tivessem dificuldades, poderiam apelar para o imperador para acudi-los desde a cidade-mãe, porque, como salvador e senhor, o imperador tinha o poder de impor sua vontade em todo o mundo conhecido.³⁴

O estudo de Filipenses 3,20-21 no contexto romano revela então importantes paralelos com o discurso imperial por parte do apóstolo. Seriam estes paralelos intencionais? Estaria Paulo criticando a ideologia romana? E caso sim, estaria claro para os primeiros destinatários de Paulo de que se tratava de uma crítica ao império? Quais características anti-imperiais podem ser inferidas desta mensagem?

3. As características anti-imperiais de Filipenses 3,20-21

Tendo demonstrado o contexto imperial da cidade de Filipos e os paralelos entre a mensagem de Paulo e o discurso ideológico romano, o presente artigo buscará nesta seção identificar algumas características anti-imperiais na mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21. Sem nenhuma pretensão de exaustividade, buscar-se-á avaliar a intencionalidade da mensagem, sua continuidade ou não com a literatura judaica da época e a explicitude de uma eventual crítica ao império para os primeiros leitores e ouvintes.

3.1 Intencionalidade

Para avaliação de uma possível intencionalidade anti-imperial na mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21 serão utilizadas como referência as quatro opções propostas por Oakes para classificação de paralelos entre Paulo e o império romano.³⁵

A primeira opção proposta por Oakes é o uso independente de fontes comuns.³⁶ Neste caso, a mensagem de Paulo não se configuraria necessariamente como anti-imperial, pois teria por característica a não

³⁴ WRIGHT, 2009, p. 98.

³⁵ OAKES, 2005, p. 301.

³⁶ OAKES, 2005, p. 303.

intencionalidade. Examinando os paralelos destacados na seção 3.2 pode-se concluir que esta opção dificilmente se aplica ao texto em estudo.

A expressão *πολίτευμα* (cidadania), conforme demonstrado por Coelho,

[...] não foi utilizada no sentido que lhe era comum nos mundos grego (ativa participação política) ou romano (qualidade de súdito). Ela busca, isso sim, reforçar a identidade da comunidade (e não a dos inimigos da cruz) a partir do arquétipo de Cristo, tornando-se o centro da fé cristã.³⁷

O termo *κύριος* (Senhor), por sua vez, se tratado isoladamente, pode ser considerado proveniente de fontes independentes e em comum com o império romano. Esta interpretação, porém, não se mantém quando considerado o contexto da sentença de Filipenses 3,20, que além de *κύριος* também apresenta os termos *πολίτευμα* (cidadania) e *σωτήρ* (salvador), claramente políticos.

Já no versículo 21, Paulo afirma que Jesus possui poder para sujeitar a si mesmo todas as coisas. Tamanho poder, para os gregos e romanos, só poderia pertencer ao imperador. Para os judeus, entretanto, tal poder pertencia ao Deus único. Logo, não se tem aqui uma fonte em comum que possa ter sido utilizada pelo apóstolo para realizar esta afirmação.

Desta forma, pode-se defender que a mensagem alusiva ao império em Filipenses 3,20-21 não é mero fruto do uso de fontes em comum com Roma. Mas, estaria Paulo intencionalmente imitando elementos do discurso romano, reagindo a ele ou atacando-o?

A segunda opção proposta por Oakes é a imitação cristã de expressões ou práticas romanas.³⁸ Dado o contexto do texto em estudo, iniciado com a conjunção adversativa *γὰρ* (mas), que introduz um contraste com aqueles chamados de ‘inimigos da cruz de Cristo’ no versículo 18, pode-se concluir que dificilmente estamos diante de um caso de imitação de termos ou expressões. A título de ilustração, o ensino de Paulo em 1 Tessalonicenses 4,15-17, se aproxima mais desta opção proposta por

³⁷ COELHO, 2013, p. 07.

³⁸ OAKES, 2005, p. 303.

Oakes, uma vez que utiliza o contexto romano da vinda (*παρουσία*) do imperador para ensinar a respeito da vinda de Cristo.

A terceira opção proposta por Oakes é o discurso reativo por parte dos cristãos, e a quarta, o uso de terminologias em comum para iniciar uma oposição ao império.³⁹ Em Filipenses 3,20-21, o uso de paralelos imperiais tende mais a reação do que a provocação. Segundo Gordon Fee, os cristãos estavam sendo perseguidos pelas autoridades romanas de Filipos em virtude do culto ao imperador, sendo este o estímulo para Paulo reagir produzindo discursos que contrastam Cristo com o culto imperial.⁴⁰ Oakes também defende que Paulo coloca Cristo acima do imperador em Filipenses 2,9-11 em reação às normas da sociedade greco-romana estabelecida em Filipos, que preservava o status e evitava qualquer manifestação que pudesse ser considerada como causadora de problemas.⁴¹

Deste modo, no concernente à intencionalidade, conclui-se que a mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21 é potencialmente anti-imperial e tem por característica ser intencional e reativa.

3.2 Continuidade com a literatura judaica

Uma das críticas mais frequentes contra a interpretação anti-imperial de Paulo é a de que muitos estudiosos e estudiosas, na tentativa de encontrar paralelos com Roma, acabam negligenciando o contexto judaico do apóstolo.⁴²

Os romanos, certamente, não foram os primeiros estrangeiros a governar sobre Israel, e Paulo não foi o primeiro judeu a se opor aos governos gentios. Assim, dentre as características que podem ser inferidas da mensagem do apóstolo em Filipenses 3,20-21, a continuidade ou não

³⁹ OAKES, 2005, p. 305.

⁴⁰ FEE, Gordon D. *Paul's Letter to the Philippians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p. 197 apud OAKES, 2005, p. 304.

⁴¹ OAKES, 2005, p. 305.

⁴² BURK, Denny. Is Paul's Gospel Counterimperial? Evaluating The Prospects Of The Fresh Perspective" For Evangelical Theology. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 51, n. 2, p. 309-337, jun. 2008. p. 318. Disponível em: <<https://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/51/51-2/JETS%2051-2%20309-337%20Burk.pdf>>. Acesso em: 13 Out. 2018.

com a literatura judaica disponível na época merece destaque, pois promove uma leitura de Paulo contextualizada com suas raízes religiosas e políticas.

N.T. Wright, tratando da crítica judaica aos impérios estrangeiros, apresenta diversos exemplos do Antigo Testamento, dos escritos do Segundo Templo e de Qumran para demonstrar que a mensagem anti-imperial de Paulo não era necessariamente inovadora em sua essência.⁴³

No Antigo Testamento, por exemplo, as advertências contra (e para) os governantes pagãos e as explicações para a dominação estrangeira podem ser encontradas especialmente nos profetas, dos quais Wright destaca textos de 1 Samuel, Amós, Isaías, Jeremias e Daniel. Este último de particular importância, pois o livro de Daniel, segundo o autor:

[...] ridiculariza o poder e a pretensão religiosa do império pagão e exalta os heróis judeus que opunham resistência ao paganismo. O Livro de Daniel é, sem dúvida, aquele no qual encontramos a narrativa influente a respeito de quatro impérios pagãos que surgem uns depois dos outros até que o último é derrubado, quando Deus estabelece seu reino e vinga seu povo.⁴⁴

Além das críticas aos impérios e governantes estrangeiros, as escrituras hebraicas também registram sinais de reinterpretação e teologização de conceitos políticos imperiais, conforme proposto por Konrad Schmid em artigo recente.⁴⁵ Segundo Schmid, o livro de Deuteronômio, por exemplo, “pode ser visto como uma recepção subversiva do sistema neossírio de contratos ou tratados com vassallos”.⁴⁶ Schmid também aponta em sua avaliação que:

A religião não é apenas um fator que se faz presente na política, mas, inversamente, também se pode dizer que a política é um fator

⁴³ WRIGHT, 2009, p. 90-95.

⁴⁴ WRIGHT, 2009, p. 91.

⁴⁵ SCHMID, Konrad. Os primórdios da religião politizada: A teologização de conceitos políticos imperiais no Israel Antigo. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 58, n. 2, p. 483-496, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3499>. Acesso em: 25 Jun. 2019.

⁴⁶ SCHMID, 2018, p. 489.

presente na religião. Isso se aplica com destaque para as fases historicamente perceptíveis da formação da história da religião veterotestamentária, em especial, que definiram duradouramente as decisões teológicas fundamentais e as formas de expressão do posterior judaísmo e cristianismo.⁴⁷

Em Filipenses 3.20, Paulo sobrepõe a cidadania dos céus à tão apreciada cidadania romana e afirma que é dos céus que aguardamos um salvador (e não de Roma). Já em Filipenses 3,21, o apóstolo afirma que este salvador que virá, possui poder para sujeitar a si mesmo todas as coisas, e segundo este poder irá transformar nossos humildes corpos para serem como o dele.

Até aqui não se pode observar nenhuma descontinuidade radical com o pensamento judaico da época. Considerando um provável contexto de perseguição, em virtude do inevitável embate com o culto ao imperador, as palavras de Paulo – em certa medida – podem até mesmo ecoar outros textos encorajadores disponíveis em seu tempo. Na Sabedoria de Salomão, por exemplo, os maus governantes, que perseguem os justos, são ameaçados pelo julgamento de Deus, e aos justos martirizados é prometido o regresso.⁴⁸ Ainda mais enfático é o texto de IQM, que segundo Wright afirma que “[...] as nações serão esmagadas até que virem pó debaixo dos pés dos judeus justos”.⁴⁹

Apesar da demonstrada continuidade com a essência da crítica judaica aos impérios pagãos, Paulo, indubitavelmente inovou no conteúdo de sua mensagem, pois atribui a um único judeu justo o ambíguo título de κύριος (Senhor), que na época poderia se referir tanto ao imperador quanto ao próprio Deus, conforme atestado pelo uso do termo na Septuaginta. Este único justo – um judeu chamado Jesus e crucificado por Roma – está para Paulo acima do próprio imperador, pois a ele pertence verdadeiramente o poder de sujeitar a si mesmo todas as coisas.

Esta concepção só é possível ao apóstolo mediante a certeza de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos e de que em breve este mesmo Jesus, que para Paulo é o Messias esperado pelos judeus, irá retornar e transformar

⁴⁷ SCHMID, 2018, p. 493.

⁴⁸ WRIGHT, 2009, p. 92.

⁴⁹ WRIGHT, 2009, p. 93.

toda realidade. O texto de Filipenses 3,20-21 leva a crer também que Paulo esperava que este retorno se desse em sua própria geração, visto que o apóstolo se utiliza dos termos ‘aguardamos’ e ‘corpos [...] nossos’, em um contexto de carta circunstancial, de modo algum articulada com a expectativa de se tornar uma escritura perene.

Assim, pode-se defender que a mensagem anti-imperial de Paulo em Filipenses 3,20-21 tem por característica a continuidade com a crítica judaica aos governos estrangeiros e com a reinterpretação/teologização judaica de conceitos imperiais, com a ressalva de que Paulo inovou no conteúdo ao reconhecer em Jesus o messias prometido. É desta forma que, segundo N.T. Wright, “[...] Paulo tinha um novo motivo para articular uma teologia política essencialmente judaica, em harmonia com a política dos profetas”.⁵⁰

3.3 Explicitude da mensagem anti-imperial

A mensagem anti-imperial de Paulo em Filipenses 3,20-21 pode ser também caracterizada como explícita ou velada. Para ser explícita precisa apresentar paralelos facilmente reconhecíveis para grande maioria dos leitores da época. Caso contrário, pode-se entender que a mensagem representa uma crítica velada ao império, entendida somente por poucos.

Richard Hays escreveu uma influente obra na qual propõem sete critérios para avaliação de ecos do Antigo Testamento nos escritos de Paulo.⁵¹ O primeiro critério proposto por Hays é especialmente útil para a avaliação da explicitude de uma possível mensagem anti-imperial, pois questiona se o suposto eco poderia ser percebido com base no conhecimento disponível aos primeiros leitores e ouvintes.

O critério da Disponibilidade, segundo Wright, questiona se “[...] o material podia ser obtido prontamente e era acessível aos conhecimentos culturais da época?”.⁵² Conforme já apontado na seção anterior, Roma se utilizava do culto à família imperial para fins políticos, visando legitimar

⁵⁰ WRIGHT, 2009, p. 95-96.

⁵¹ HAYS, Richard. *Echoes of Scripture in Letters of Paul*. New Haven: Yale University Press, 1989 apud WRIGHT, 2009, p. 84.

⁵² WRIGHT, 2009, p. 85.

seu domínio nas terras conquistadas. Segundo Price “O culto ao imperador era sem dúvida parte da vida da cidade”⁵³ e seus sacerdotes, provenientes das elites locais, “[...] figuravam entre as personalidades mais importantes da cidade”.⁵⁴ Deste modo, o uso dos termos κύριος e σωτήρ em referência ao imperador e os benefícios da cidadania romana eram certamente bem conhecidos pelos destinatários de Paulo em Filipos, que era uma cidade altamente romanizada.

Assim, ao contrastar a desejada cidadania romana com a cidadania dos céus e se utilizar de termos que eram comumente aplicados ao imperador para se referir a Jesus, Paulo está em Filipenses 3,20-21 apresentando uma mensagem que poderia ser facilmente entendida como anti-imperial para a maioria dos primeiros leitores e ouvintes. Como os paralelos utilizados pelo apóstolo no texto em estudo eram de fácil reconhecimento de todos – dada a popularidade do culto ao imperador – podemos então caracterizar a mensagem de Filipenses 3,20-21 como explicitamente anti-imperial.

Considerações Finais

O crescente número de pesquisas acerca do contexto imperial de Paulo vem impulsionando novas leituras das cartas do apóstolo. Leituras que demonstram consciência das possíveis implicações políticas dos termos em comum com Roma que Paulo deliberadamente utilizou em suas correspondências. O presente artigo, a partir dos resultados destas pesquisas, buscou identificar características anti-imperiais na mensagem de Paulo em uma pequena amostra de seus escritos, o texto de Filipenses 3,20-21.

A partir das hipóteses de trabalho consideradas foi possível então a identificação de três características anti-imperiais na mensagem de Paulo em Filipenses 3,20-21.

A primeira hipótese, referente à intencionalidade, foi validada. O estudo do texto grego e do contexto imperial de Filipos demonstrou que Paulo se apropriou intencionalmente de termos ligados à ideologia romana,

⁵³ PRICE, 2004, p. 66.

⁵⁴ PRICE, 2004, p. 61.

em reação ao culto ao imperador e a busca pela cidadania. A mensagem de Filipenses 3,20-21 pode então ser caracterizada como intencionalmente paralela ao discurso romano e reativa à sua ideologia.

A segunda hipótese, que trata da continuidade com a crítica judaica aos governos estrangeiros, foi parcialmente validada. Com base em estudos recentes que consideram o contexto judaico de Paulo em conjunto com o contexto imperial, foi possível concluir que o apóstolo escreveu em continuidade com a crítica judaica aos governantes pagãos no concernente a essência, mas inovou no conteúdo. Diversos escritos judaicos da época tratavam do destino dos justos, mas Paulo inovou ao atribuir a um único justo posição e poder acima dos demais. A mensagem de Filipenses 3,20-21 pode então ser caracterizada como uma continuidade da crítica judaica aos governos pagãos, articulada a partir de uma expectativa messiânica já parcialmente realizada.

A terceira hipótese, referente à explicitude, também foi validada. O estudo demonstrou, com base na pesquisa contemporânea, que os termos utilizados por Paulo eram bem conhecidos pelos primeiros leitores e ouvintes como ligados a Roma e ao imperador. Assim, a mensagem de Filipenses 3,20-21 pode ser considerada explicitamente anti-imperial, e não uma crítica velada.

Em trabalhos futuros, estas mesmas hipóteses podem ser aplicadas a outros textos paulinos para identificação de características comuns em mensagens consideradas anti-imperiais. Tais estudos podem permitir a validação de novas hipóteses decorrentes desta pesquisa, como por exemplo, a de que as características apresentadas no presente artigo se aplicam a maioria dos escritos de Paulo entendidos como anti-imperiais.

Referências

- BIBLIA. Novo Testamento. Grego. Aland. 2008. *O Novo Testamento Grego* com introdução em português e dicionário grego-português. 4. ed. revisada. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, São Paulo, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BROWN, Raymond Edward. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

- BURK, Denny. Is Paul's Gospel Counterimperial? Evaluating The Prospects Of The Fresh Perspective" For Evangelical Theology. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 51, n. 2, p. 309-337, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/51/51-2/JETS%2051-2%20309-337%20Burk.pdf>>. Acesso em: 13 Out. 2018.
- COELHO, Alexandre de Siqueira Campos. *Cidadania do céu em Filipenses 3,20: o sentido do seu significado*. Goiânia, GO, 2013. 158p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_GO_b663a63b74740d2210198f5c5b138bc2>. Acesso em: 13 Out. 2018.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DIETRICH, Luiz José. Paulo em 1 Tessalonicenses: um cristianismo antiritualista e anti-imperial. In: FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. (Orgs.). *Paulo: contextos e leituras*. São Paulo: Editora Paulinas, 2018, p. 153-168.
- FEE, Gordon D. *Comentario de la Epístola a los Filipenses*. Barcelona: Editorial Clie, 2004, p. 472-482.
- HARRISON, James R. Paul and Empire 2: Negotiating the Seduction of Imperial "Peace and Security" in Galatians, Thessalonians, and Philippians. In: WINN, Adam. (Ed.). *An Introduction to Empire in the New Testament*. Resources for Biblical Study 84. Atlanta: SBL Press, 2016, p. 165-184.
- HORSLEY, Richard A. (Org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MONSMA, Karl. James C. Scott e a resistência cotidiana: uma avaliação crítica. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 23., 1999, Caxambu, MG. *Anais do...* Caxambu: ANPOCS, 1999. v. 23. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/gt-21/gt14-13/4977-karlmonsma-james/file>>. Acesso em: 20 Dez. 2018.
- OAKES, Peter. Re-mapping the Universe: Paul and the Emperor in 1 Thessalonians and Philippians. *Journal for the Study of the New Testament*, v. 27, n. 3, p. 301-322, mar. 2005. Disponível em:

- <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0142064X05052508>>. Acesso em: 13 Out. 2018.
- PRICE, S. R. F. Rituais e poder. In: HORSLEY, Richard A. (Org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SCHMID, Konrad. Os primórdios da religião politizada: A teologização de conceitos políticos imperiais no Israel Antigo. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v.58, n.2, p. 483-496, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3499>. Acesso em: 25 Jun. 2019.
- VERGARA, Sylvia Constant. *Sugestão de estruturação de um projeto de pesquisa*. Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública, Cadernos de Pesquisa, n. 02, 1991. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13030/000056762.pdf>>. Acesso em: 26 Out. 2018.
- WINN, Adam. Striking Back at the Empire: Empire theory and responses to Empire in the New Testament. In: WINN, Adam. (Ed.). *An Introduction to Empire in the New Testament*. Resources for Biblical Study 84. Atlanta: SBL Press, 2016.
- WRIGHT, N. T. *Paulo: novas perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009.

Submetido em: 24/08/2019

Aceito em: 24/11/2020